

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

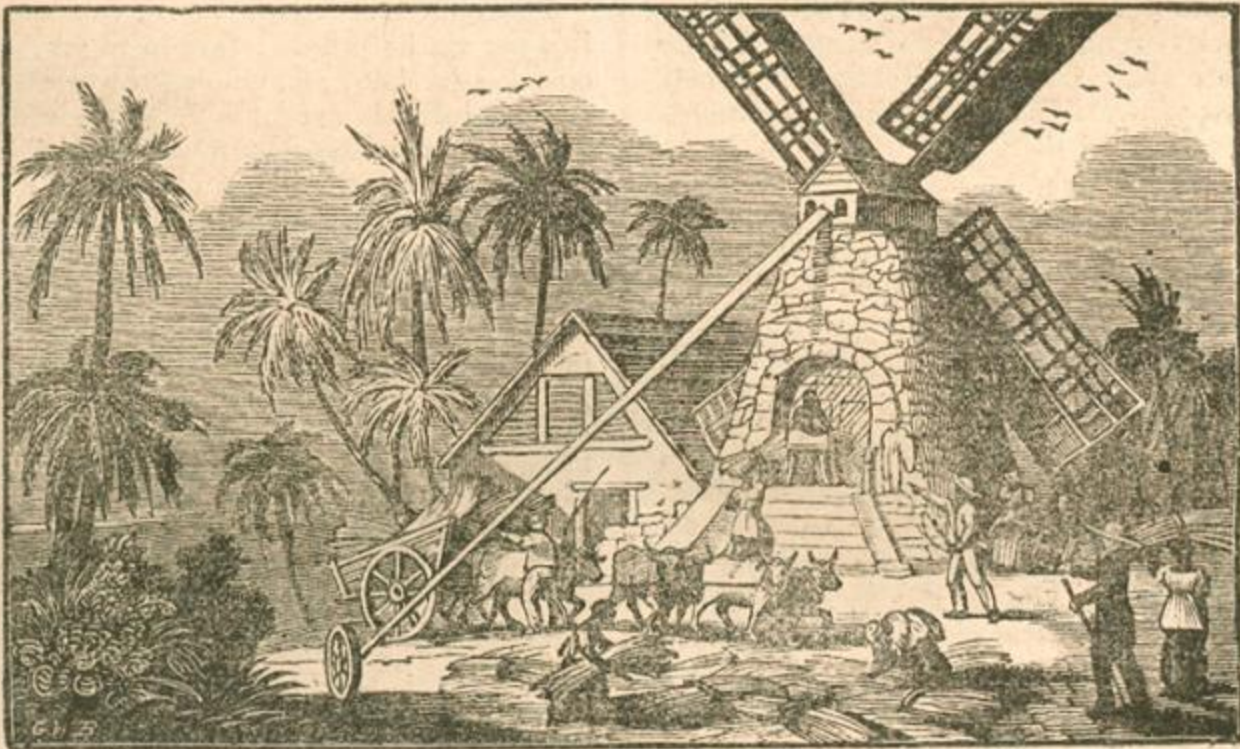
19.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

SETEMBRO 9, 1837.



O CORTE DAS CANNAS.



O MOINHO DO ASSUCAR.

A CANNA D'ASSUCAR.

É coisa averiguada que dos objectos mais vulgares são sempre a origem, e muitas circumstancias, ou ignoradas, ou esquecidas. E por isso estamos persuadidos que havendo de tractar do assucar, e da planta que o produz, para explicarmos as estampas do presente numero, não será destituida de novidade a noticia, que vamos dar, e que recopilámos cuidadosamente dos auctores de melhor nota; não obstante ser o assucar um genero tão conhecido, por isso que é hoje de uso quasi geral em o nosso paiz. Não tenham pois os homens sabedores em conta de inutilidade estas poucas linhas; porque sendo a nossa intenção dilatar

VOL. I.

a esphera dos conhecimentos populares, bem claro fica qual é a classe dos leitores para quem as escrevemos, classe que ninguem duvidará ser a mais numerosa em nossa terra.

A canna d'assucar, natural do Oriente, cultivou-se provavelmente na India e Arabia desde tempo immemorial: dalli seria transportada á Europa pelo Mar-Vermelho em epocha muito remota. Todavia conjectura Lafitau que era desconhecida na Chrãstandade até o tempo das cruzadas. Floreceu depois na Moréa, e nas ilhas de Rhodes e Malta, donde a transportaram á Sicilia. Daqui a mandou vir o illustre infante D. Henrique para a ilha da Madeira, e promoveu a sua cultura, que prosperou prodigiosamente até que

as vinhas a substituíram, não sabemos se ao presente com maior vantagem para Portugal: á mesma ilha a mandou buscar Martim Affonso de Sousa para a villa de S. Vicente, e desta se espalhou por todo o Brazil. Também provavelmente da Madeira se propagou nas Canarias, e destas passou para os outros pontos da America. Ao infante D. Henrique, e aos Portuguezes, que o imitaram, se deve a propagação daquella util planta, e do fabrico do assucar. O caso é que este novo genero estabelecido nas Indias Occidentaes produziu um commercio, mais precioso que o das minas do Perú.

A Sicilia também deu cannas para a Hespanha, onde a cultura vingou na Andaluzia: a França não foi tão feliz, porque o clima da Provença para onde tinham sido transportadas lhes não era conveniente. Porém a grande quantidade de assucar, que a Madeira forneceu, fez logo cessar o cultivo das cannas na Europa; e o acabou de todo a maravilhosa facilidade com que entraram a produzir na America. Os Portuguezes e os Hespanhoes foram os primeiros que as introduziram em suas colonias, donde passaram para os Hollandezes, que as transmittiram a Francezes e Inglezes. Os methodos empregados então nesta cultura foram, como todas as coisas ao principio, bastante imperfeitos: aproveitando porém longa serie d'observações os colonos americanos chegaram ao methodo hoje quasi universalmente seguido.

As cannas d'assucar dão-se nos climas quentes; e podem cultivar-se até o quadragésimo gráu de latitude nas zonas temperadas. O terreno, que mais lhes convém, é um chão leve e poroso, profundo, exposto ao meio dia, e em declive, a poder ser, para facilitar o escoamento das aguas da chuva. Também crescem nos outros terrenos; mas sáe o assucar inferior em qualidade e quantidade. Esta planta transportada para a America perdeu a faculdade de produzir sementes que a perpetuassem: deita bandeira, isto é, desenvolve bem a sua florescencia, mas os germens abortam. Por isso para a propagarem aproveitam a propriedade, que tem, de produzir de estaca. Plantam-se pedaços de canna, que communmente são os olhos das cortadas para se moerem: cada pedaço deve conter cinco ou seis articulações (gomos, dizem no Brazil). A estação das chuvas é a mais propria para esta plantação. O systema mais vantajoso, e seguido na Jamaica, e em outras partes onde esta cultura se tracta com mais desvelo, é dispôr em regos as plantas; e ninguém duvidará que para este effeito o arado é cem vezes preferivel á enxada em todos os sitios, em que se possa trabalhar com elle; o alivio, que por este meio se dá aos pretos nas terras seccas, e duras, é coisa estimavel no entender dos proprietarios humanos e providentes.

O methodo commum é o seguinte: arroteado o matto, divide-se o terreno em porções de medidas certas, de ordinario de 15 a 28 geiras cada uma. Entre estas divisões deixam-se intervallos, que tenham toda a capacidade para se poder carrear. Subdivide-se cada repartimento, com uma linha presa a cavilhas de páu, em pequenos quadrados de tres pés e meio. Ordenam-se os pretos em fileira, pondo-se na primeira linha a cada quadrado um preto, e são destinados a cavar á enxada os differentes quadrados, que levam pelo commum seis pollegadas de profundidade. Forma-se do lado mais baixo um banco com a terra, que se cava. Ascovas para a canna raras vezes chegam a dois palmos de alto. Um preto habil cavará 60 a 80 destas covas em 10 horas de trabalho no dia: mas se a terra tiver sido antecedentemente rasgada pelo arado, e deixada em alqueive, o mesmo preto cavará no mesmo tempo quasi o dobro. Os troços da canna dispoem-se

longitudinalmente no fundo da cova, cobrem-se da terra que se cavou, obra de duas pollegadas d'alto, ficando o sobejo da terra do banco para se empregar depois. Em 12 ou 14 dias começam a apparecer os fillos; e logo que crescem poucas pollegadas, devem-se mondar cuidadosamente das hervas nocivas (o que em alguns sitios do Brazil chamam *capmar*), chegando-lhes depois ao pé o resto da terra, que ficou.

São tão necessarias as frequentes mondas, ou capinas, em quanto as cannas são novas, que este ponto reclama a maior vigilancia do cultivador. O lavrador diligente apartará ao mesmo tempo todos os olhos gomeleiros, que rebentam pelos lados das cannas, quando principiam a perfilhar, porque rarissima vez chegam a amadurecer, e extrahem ou roubam a sua nutrição á custa da canna principal. As epochas, e o progresso desta cultura varia nas diversas colonias, ainda que o processo geral seja identico, porque dependem da natureza, e exposição dos terrenos, da temperatura da atmospheria, e de uma multidão d'outras causas, cujo esmiuçamento não vem para aqui, porque nos não fizemos cargo de escrever um tractado especial desta agricultura.

Os processos empregados nas colonias na extracção do assucar, comparados com os que usam os Indianos, são muito semelhantes. O padre João Loureiro, naturalista distincto, mais conhecido fóra que dentro de Portugal, fallando, na sua Flora Cochinchinense, dos meios que os Indios usam para extrahir o assucar, descreve o mesmo methodo dos Americanos: ora como a canna passou primeiro á Arabia, e os Arabes empregam o mesmo processo, é provavel que o recebessem da India.

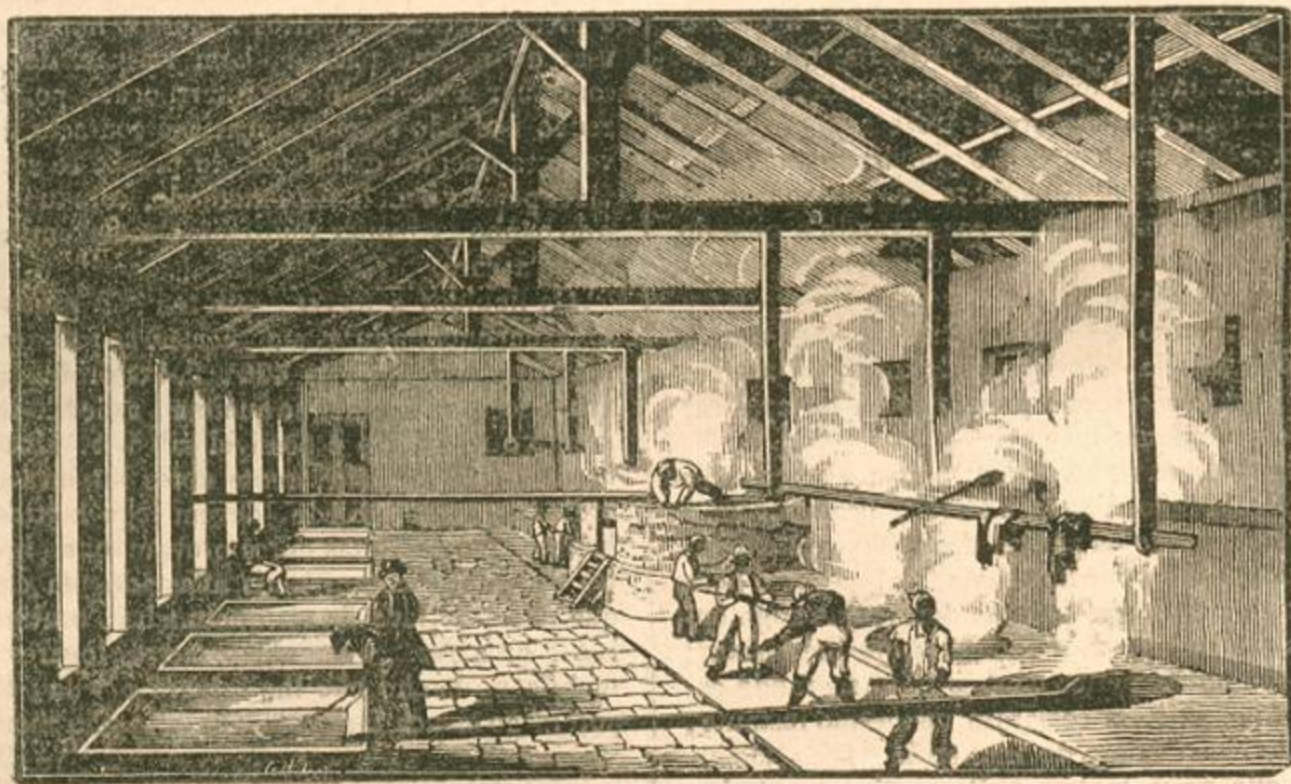
Para obter o assucar da canna, é necessario extrahir-lhe'o por via da pressão, faze-lo ferver, clarifica-lo e cristalisa-lo. Isto, em summa, se executa do modo seguinte: colhidas as cannas despojam-se das folhas, e levadas ás moendas passam-se aos molhos entre dois cilindros de metal onde se espremem; o liquido crasso, que produzem, deve ser fervido dentro de 24 horas para não fermentar. Este succo é recebido n'uma dorna, ou deposito, e dalli passa successivamente por quatro caldeiras onde experimenta um gráu de calor, que vai sempre augmentando. A fervura lhe faz perder a parte aquosa, e desenvolve as escumas, que se lhe tiram quando o mechem. As lixivias, ou cenradas alcalinas, deitadas dentro, facilitam a clarificação, e a separação das escumas. Finda a necessaria cocção passa a calda destes clarificadores para os resfriadouros, onde á medida que esfria deposita o *assucar em bruto*. Para purificar este assucar usam deitar-lhe uma mistura de agua, e de argila. A agua, carregada de particulas calcareas, filtra através do assucar, e lhe leva uma grande parte da substancia melacenta, que o tingem, e faz molle. Repete-se esta operação muitas vezes; tira-se a argila, que vem á superficie, e fica o assucar, que é de varias sortes, segundo o numero de vezes que lhe applicam este processo. Aquella agua filtrada é o melaço. Todos sabem que o assucar vem da America em pedra, ou em bruto, e se refina na Europa. Ainda alem do assucar se obtém a *rum*, ou aguardente, um dos mais puros, fragrantés e saudaveis licôres espirituosos, quando tomado moderadamente, e diluido com agua: sendo este producto de não pequena consideração no commercio.

O tempo da çafra é a estação da saude e alegria nos engenhos. O succo da canna é tão agradável ao paladar, como nutritivo e saudavel, de modo que todos os individuos bebendo-o livremente adquirem saude e vigor. Tem-se observado que os pretos magros e doentes manifestam rapida melhora poucas semanas depois que deitam a moer o engenho. Os cavallo,

bois, e outras bestas, ainda que trabalhem constantemente durante a moagem, dando-se-lhes abundancia de olhos desta nobre planta, e algumas das escumas da casa da caldeira, se vigoram mais que em outra qualquer parte do anno. Até os porcos, perús, e galinhas engordam, comendo o bagaço da canna. Em uma palavra, n'uma lavoura bem regulada, debaixo da intendencia de um director humano e benigno, tudo no tempo da çafra respira vigor, abundancia, e contentamento.

O uso do assucar generalisou-se na Europa depois que a cultura da canna se diffundi mais amplamente nas colonias Americanas; antes desta epocha era considerado como objecto de luxo, ou como um producto vegetal da competencia da medicina, e vendia-se nas boticas; mas quando as suas propriedades se foram melhor conhecendo foi sendo geralmente adoptado, e hoje converteu-se em genero quasi indispensavel. Todo o mundo sabe que o assucar além de compôr muitos alimentos é a base das caldas e licôres, e que diluido em aguardente resiste á putrefacção, e nos conserva os fructos, e outros muitos objectos. É por sua natureza mui nutriente e sadio: facilita a digestão, e convém a todas as idades: dá-se ás creanças de mama; e fortifica o estomago dos velhos. É tambem um medicamento; e na arte de curar tem usos mui variados, e utilissimos. Attribuem-lhe a diminuição das febres putridas. O celebre Trochin costumava recommenda-lo aos seus doentes. Edwards, citando o velho medico Slar, diz: « Todo aquelle, que toma o partido contra os doces em geral, sujeita-se a mui difficil tarefa; por quanto parece que a natureza tem communicado a todas as creaturas o gosto das coisas doces: as aves, os animaes dos campos, muitos reptis e insectos se aprazem, e regozijam em provar o que é doce, e se desgostam do que não o é. Ora o assucar extrahido da canna é o padrão eminente das doçuras vegetaes; por isso não admira ver quasi todos os indivi-

duos apaixonados desta substancia. » Todas as fructas que tem mais partes saccharinas são geralmente preferidas; e de muitas nestes ultimos tempos se tem conseguido fazer muito bom assucar: a castanha, por exemplo, o fornece em abundancia. Hoje é bem conhecido o de betterrava. A canna do milho abunda em partes saccharinas, e até della se faz uma aguardente um pouco aproximada á da canna legitima do assucar. Porém sempre a esta ultima cabe a primazia. E com effeito, que as Nações, que não possuem colonias para a cultivarem, procurem alcançar dentro do seu paiz productos, que substituam o assucar da canna, nada mais louvavel: mas que nós tendo perdido o Brazil, e possuindo dilatadas possessões nas duas costas d'Africa, não cuidemos em promover este lucrativo ramo de cultura em nossas actuaes colonias, que lhes são tão adequadas, é o apuro do desmazelo, e negligencia dos nossos interesses. Parece que ultimamente tem intentado na Madeira restaurar este ramo, que alli, como já vimos, tanto prosperou em tempos antigos. Nesses mesmos tempos se plantava com bom exito a canna na Andaluzia, donde póde naturalmente inferir-se que se daria bem em o nosso Algarve. Assentâmos que com as proporções, que tem a nossa nação, é mais conveniente progredir naquelles generos de agricultura já aclimatados dentro do reino, e que ainda estão longe de serem tão florescentes, como deveram; e nas possessões ultramarinas cultivar os generos do Novo-Mundo, não só pela analogia do clima, que affiança mais prosperos resultados, como para estabelecer um commercio directo entre as colonias, e a metropole, como d'antes faziamos com o Brazil: commercio este que seria grandemente nacional. O amor da patria nos fez em meio do nosso assumpto lançar estas considerações, que o bom juizo dos nossos compatriotas saberá avaliar. Assim ellas podessem despertar os animos, e impelli-los para empresas proficuas e de interesse geral!



A CASA DAS CALDEIRAS.

QUEIMADURAS.

As QUEIMADURAS profundas causam poucas dores, quando a pelle desorganizada já não tem nem sentimento nem vida, e quando por consequencia vem a cair. A suppuração é o meio de que se serve a natureza para a deitar fóra, e todos os remedios que por ali se usam para curar queimaduras são absolutamente baldados.

O ceroto ou pomada e as demais substancias oleosas só podem servir para os parches não se pegarem á ferida quando sécca; mas de nenhum modo contribuem para a reorganisação da pelle, obra que só a natureza póde levar a cabo. As queimaduras profundas vem sempre acompanhadas por outras superficiaes, mais ou menos extensas: são estas que doem muito, quer sós, quer de involta com as outras.

É coisa universalmente assentada que as queimaduras superficiaes e muito extensas são uma doença terrível, que gera dores agudissimas, e que produz a morte no meio de horriveis padecimentos. Os casos de queimaduras são tão frequentes, que talvez na Europa não ha dez pessoas que tenham chegado a 60 annos sem se terem queimado muitas vezes. De 20 queimaduras 19 são superficiaes: quando estas abrangem um grande espaço, reputam-se gravissimas, á vista das suas consequencias, as quaes pelo menos são padecimentos asperos e demorados. Entretanto este mal por si nada é; porque a acção momentanea do calorico não faz mais do que dar á pelle certa disposição que a torna susceptivel de ser queimada pelo ar, o qual não tendo acção alguma na pelle no estado natural, começa a te-la quando esta chega a certo gráu de calor, convertendo-se então este fluido n'uma atmosphera ardente, uma especie de fogueira, em que de continuo nos consome um fogo lento. Isto está hoje provado: assim uma immersão em agua fria, embaraçando o contacto do ar, faz immediatamente cessar a segunda combustão, bem como as dores que della resultavam, e dentro de cinco horas está a cura feita; porque a agua tomando a si, para se volatilisar, o calorico que estava na epiderme, e que produzia a combinação do oxigenio, causa unica do mal, a pelle fica, como antes da queimadura, livre da acção do ar.

Quando alguém que se queima sente dores pungentes, fique certo de duas coisas; de que não é grande o damno que a pelle soffreu, e de que é o ar quem a continúa a queimar. A immersão da agua fria, embaraçando o contacto do fluido, faz cessar a causa do padecimento e as dores, as quaes, bem que logo desapareçam, tornam a apparecer com a mesma rapidez, todas as vezes que se tirar da agua fria a parte queimada, antes de passarem cinco horas. Tirando-a depois deste periodo, sarará perfeitamente o enfermo, que impunemente póde então expôr-se ao contacto do ar, tendo tido o cuidado de conservar o banho na mais conveniente temperatura, que é a de treze a quinze gráus; porque a experiencia tem mostrado que a excessiva ou diminuta frialdade da agua demora mais ou menos a cura. Esta temperatura de treze a quinze gráus é a que tem a agua no tempo das grandes calmas, estando posta n'um quarto á sombra. É portanto facil o dar-lh'a quando a não tem, e conservar-lh'a quando a tem, aquecendo-a alguma coisa de inverno, e pondo-a á sombra no verão.

Do grande numero de curas notaveis feitas com a immersão d'agua fria, citaremos algumas que servem para fazer perceber o modo porque se ha de applicar o remedio em qualquer caso.

Certa criada de servir succedeu metter o braço até o sovaco n'um caldeirão d'agua a ferver, ficando com o braço escaldado desde as pontas dos dedos até o hombro. Quando chegou o medico havia tres quartos d' hora que a rapariga soffria agudissimas dores, que augmentavam cada vez mais com os remedios que lhe faziam: mandaram-lhe então metter o braço n'uma grande cella d'agua fria; as dores cessaram no mesmo instante, e, depois de cinco horas de immersão, ficou tão livre dellas, que nessa mesma noite continuou a trabalhar. — Um rapaz, que escaldou uma das mãos e que só recorreu á immersão depois de padecer duas horas, ficou do mesmo modo são. — Isto próva que ainda que se demore a applicação do remedio, nem por isso se deve deixar de applicar, visto o que dissemos de não estar a pelle desorganizada em quanto se sente dor.

Mr. Magnin de Grandmont, de quem tomámos este artigo, cita varios exemplos de se terem curado queimaduras do globo do olho só com a immersão mais ou menos dilatada em agua fria, sem depois disso fi-

car o doente cego, ou com o menor defeito nos olhos.

As dores cessam, não só n'um banho de agua fria, mas até de agua morna: porém neste gasta a pelle mais tempo para perder a disposição em que fica para se combinar com o oxigenio do ar, de maneira que são necessarias quinze ou vinte horas para a cura. Com tudo, como em certas circumstancias o contacto da agua fria seria perigoso ás mulheres, conviria nesse caso antes empregar um banho de agua tepida, esfriando-o pouco a pouco, e recorrer a uma sangria, se tanto fosse preciso.

O algodão em rama, de que se usa ha annos para curar queimaduras, achou entre os medicos apologistas e detractores; o que não deve espantar, porque uns e outros o tiveram em conta de remedio, sem conhecimento de causa. O que é certo é que o algodão não tem virtude alguma propria, e só embaraçando o contacto do ar é que póde ser efficaz, para o que é preciso que cubra perfeitamente a queimadura. Quanto aos outros remedios, que para este caso é costume applicar, não é difficil de perceber que o banho de agua lhes deve ser anteposto por estar sempre mais á mão. Com tudo, quando é custoso de applicar, como acontece nas queimaduras do rosto, será conveniente mergulhar este na agua, erguendo a cabeça de quando em quando para tomar a respiração, até que esteja prompto um grosso parche de algodão, da grossura de duas pollegadas, que se porá sobre a queimadura, e que se apertará com uma atadura. Conhecer-se-ha se embaraça o contacto do ar pelo signal de cessarem as dores: neste caso, deixar-se-ha estar o parche por muitos dias sem lhe bolir; porque como o algodão não tira o calorico que está combinado na epiderme, se o parche se tirasse antes de se dissipar inteiramente aquelle fluido, a combustão tornaria a começar com o contacto do ar. Se a applicação do parche não faz cessar inteiramente a dor, é signal certo de que o ar continua a obrar sobre a pelle, e então é preciso recorrer a outros meios. O mais simples será usar do mesmo parche, bem traspassado d'agua, e continuar a molha-lo sem interrupção, por que não fazendo isto não se embaraçaria o contacto do ar, e os vapores quentes exhalados do parche só serviriam de fazer peiorar o mal. Este methodo, com tudo, não vale o do banho, e requer muitissimo mais tempo para produzir a cura.

Os liquidos a ferver, que tem 80 gráus de calor, só fazem queimaduras superficiaes, ao passo que a chamma, que tem mais de 400, fa-las profundas sempre. Quando uma mulher se queima, ardendo-lhe inteiramente o fato, não é possivel salva-la. Mas, quando, acontecendo-lhe isto, sente dores intoleraveis, o que ordinariamente succede, devem logo mette-la em um banho; porque estas dores provam que algumas partes da pelle ficaram mais affastadas da chamma, e que só ao de leve foram queimadas, continuando por isso o ar a fazer o seu effeito nesses logares. Esta immersão no banho não lhe salvará a vida, é verdade; porém ao menos fará com que ella não morra martyrisada.

A CATALEPSIA.

Poucas doenças apresentam symptomas tão extraordinarios como os da catalepsia. As causas ordinarias desta molestia são o excesso do trabalho de espirito, o abuso das bebidas fermentadas, e as alterações ou desarranjos na economia animal, com especialidade nos órgãos do cerebro.

Os symptomas desta doença consistem em uma completa immobilidade, junta a grande flexibilidade dos

membros; tal, que se pôde dobrar qualquer delles como se quizer. O pulso, sem deixar de bater, a muito custo se percebe; a respiração é quasi insensível, o queixo inferior fica em convulsão; a pelle esfria; os olhos tem-se abertos, mas a immobilitade das palpebras é completa. Posto que o doente conserve o ouvir e o olfacto como d'antes, nem o estrondo, nem os mais recendentes perfumes podem terminar o ataque, e em fim a pelle perde inteiramente a sensibilidade. Os accessos desta doença, que tantos signaes tem da morte, duram ás vezes doze horas, e ha exemplos de se prolongarem por dois ou tres dias, ficando o doente inteiramente como morto. Daqui tem resultado enterrarem-se vivas algumas pessoas; o que deve servir de aviso a todos para não fazerem enterros apressados, com que podemos assassinar aquelles por quem chorámos: e certo que seria conveniente não sepultar cadaver algum, sem que elle começasse a dar mostras de proxima dissolução.

Ha annos que nós soubemos de um caso de catalepsia acontecido a uma mulher, o qual lhe durou por espaço de vinte e quatro horas. Sem signal algum de vida, mas com todos os sentidos, á excepção da vista, ella percebeu as experiencias que faziam para ver se estava morta: ouviu os gemidos da sua familia, e até depois asseverava sentira o dobrar dos sinos: quando iam a cerrar-lhe o caixão foi que pôde soltar um gemido, e então conheceram que não morrerá. Mas o caso mais notavel é o de um Inglez que por igual accidente chegaram a sepultar vivo. Eis o facto, que transcrevemos pelas proprias palavras do protagonista deste drama terrivel.

« Havia tempos que eu andava com uma febre nervosa: diminuiam-me gradualmente as forças: mas quanto mais fraco me achava, mais crescia em mim o sentimento da vida. O medico em fim descorçoou de todo, e eu percebi que nenhuma esperança me restava. »

« Uma noite veio-me o crescimento: senti um arripiamento geral, e um zumbido extraordinario nos ouvidos: vi á roda da cama um grande numero de vultos extravagantes; eram estes resplandecentes e aerios. A camara estava allumiada, e parecia-me solememente adornada: procurei bolir-me, mas não pude. Durante alguns instantes uma terrivel confusão me transtornava as idéas, e quando saí desta agonia foi com todas as recordações do passado, com a intelligencia clara, e em poucas palavras, com tudo o que pertence á vida, menos a faculdade de mecher-me ou de fallar: ouvi gemidos ao pé do travesseiro, e a voz da enfermeira pronunciar — *está morto!* — E indizível o que senti ouvindo estas lugubres palavras: forcejei por me bolir, mas nem sequer pude pestanejar. Passado pouco chegou-se a mim um intimo amigo, afflicto e lavado em lagrimas; poz-me a mão na cara e fechou-me os olhos. Ficou então tudo em trévas: porém eu ainda podia ouvir, sentir, e soffrer. »

« Tanto que me cerraram os olhos, percebi pelo que diziam os que ficaram de guarda a mim, que o meu amigo saíra do quarto, e quasi immediatamente senti as amortalhadeiras vestirem-me a mortalha, voltando-me para todos os lados, e tractando com a maior brutalidade aquillo a que chamavam *o corpo*. »

« Tanto que finalisaram foram-se embora, e então começaram as formalidades, que se costumam em Inglaterra, de um nojo simulado. Durante tres dias vieram ver-me muitos amigos. Ouvi-os conversar ácerca das minhas boas qualidades e dos meus defeitos, e senti muitos pôrem-me a mão pela cara. Ao terceiro dia já diziam que havia máu cheiro no quarto onde eu estava. »

« Armaram o caixão: metteram-me nelle; e o meu amigo poz-me debaixo da cabeça o que chamavam o

meu ultimo travesseiro — e senti assuas lagrimas cáirem-me sobre as faces. »

« Depois de terem estado algum tempo ao pé do caixão, as pessoas minhas conhecidas se foram, e os carpinteiros vieram pregar nelle a ultima taboa. Eram dois: um retirou-se antes de acabar a obra: ouvi o seu companheiro assobiar em quanto furava com a verruma, calar-se, e pregar o ultimo prego. »

« Deixaram-me só: todos fugiam d'onde eu jazia. Sabia, com tudo, que ainda não estava enterrado: posto que sem movimento e na escuridade, ainda conservava alguma esperança; mas esta brevemente se desvaneceu. Chegou o dia do enterro: senti erguer e levar o ataude; senti pô-lo no coche, e muita gente agitar-se ao redor; alguns diziam bem de mim: o coche começou a andar. Sabia que me conduziam ao cemiterio. Parou o coche e tiraram delle o caixão: pelo desencontrado do movimento percebi que ia ás costas de muitos homens. Houve uma pausa, ouvi o roçar de cordas, boliram com o caixão, e brevemente o senti balouçar como que suspenso no ar: desciam-me ao fundo da cova. As cordas, deixaram-nas cair sobre o caixão: — ouvi a pancada que deram. Fiz um esforço terrivel para me bolir; mas os membros me ficaram immoveis. »

« Pouco depois, alguns punhados de terra foram lançados sobre o caixão, então houve outra pausa. Passados alguns minutos, ouvi as enchadadas. A terra caía sobre mim, e o ruido da sua queda, mais espantoso que o retumbar dos trovões, me enchia de horror; mas eu não podia bolir-me. O ruido foi diminuindo gradualmente, e pelos sons fracos e quebrados percebi que estava a cova cheia: até me pareceu que o coveiro andava por cima e calcava a terra com a enchada. Acabou-se por fim a obra, e então ficou tudo outra vez em profundo silencio. »

« Não tinha modo algum de contar o tempo que assim ia passando; o silencio continuava. Entregue a reflexões horriveis, ouvi por cima de mim um som prolongado e surdo; pensei que eram os reptis e os vermes que vinham tragar a sua presa. »

« O ruido se aproximava e crescia: seria acaso possível que os meus amigos se persuadissem que me tinham enterrado com muita precipitação? — A esperança começava a renascer em mim. »

« Cessou o ruido, e senti mãos que me corriam pela cara. Puxaram-me para fóra do caixão pela cabeça. Deu-me o ar, que me parecia frio como gelo: levavam-me como ás escondidas. Chegando a certa distancia, atiraram comigo como se fosse uma trouxa: mas não era no chão que eu estava. Passado um momento, senti que ia n'uma sege, e por algumas palavras soltas percebi que estava em poder de dois daquelles ladrões nocturnos, a que em Inglaterra chamam *resurrection-men* (homens da resurreição) que vem abrir os sepulchros para fazer um trafico sacrilego dos corpos que desenterram. Logo que a sege entrou a rodar por calçada, um dos dois ladrões deu alguns assobios, e depois começou a cantar varias cantigas obscenas. »

« Parou em fim a sege; pegaram em mim e levaram-me: senti pelo denso do ar, e pela mudança de temperatura, que estava em uma camara: rasgaram com violencia o panno em que eu estava envolvido, e puzeram-me sobre uma mesa. Pela conversa dos dois homens, que me tinham trazido, com outro que ahi estava, percebi que deviam dissecar-me naquella noite. »

« Eu ainda tinha os olhos fechados, e por isso nada via; mas brevemente dei fé, pela bulha que faziam no quarto, que os estudantes de anatomia tinham chegado. Alguns se aproximaram á mesa e me exa-

minaram minuciosamente. O demonstrador chegou por fim.»

«Antes de começar a dissecação, propoz elle, que se fizessem em mim algumas experiencias galvanicas, e para isto se arranjou um apparelho electrico (1). A primeira descarga me sacudiu todos os nervos que vibraram e resoaram como as cordas de uma harpa. Este phenomeno admirou os estudantes. A segunda descarga me fez abrir os olhos, e a primeira pessoa que vi foi o medico que tinha tractado de mim. Continuava com tudo a estar como morto, ainda que pude logo distinguir entre os estudantes caras que me não eram estranhas. Assim que abri os olhos, ouvi pronunciar o meu nome por muitos dos circumstantes, que mostravam pena de estarem fazendo experiencias no meu cadaver. Quando as acabaram, o demonstrador me fez uma incisão no peito com um canivete: senti então uma coisa terrivel por todo o corpo: tomei-me de um tremor convulso, e todo o auditorio começou a dar gritos de horror. Estavam quebrados os grilhões da morte; a minha lethargia tinha cessado. Fizeram-me toda a casta de remedios, e dentro de uma hora eu havia recobrado todos os sentidos.»



DIOGO DE COUTO.

Diogo de Couto, o grande historiador do imperio portuguez na India, nasceu em Lisboa no anno de 1542. De mui moço entrou no serviço do infante D. Luiz, de quem seu pai era antigo familiar. Foi mandado educar nas boas letras pelo infante, com cujo filho, o celebre D. Antonio, depois prior do Crato, estudou a philosophia no mosteiro de Bemfica, onde então a ensinava o veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres.

A morte do infante D. Luiz cortou em flor as esperanças de Couto; e a de seu pai, que brevemente succedeu depois da do infante, o fez deixar na idade de 14 annos os estudos, embarcando-se para a India onde militou oito annos. Passados estes voltou a Portugal, e de Lisboa tornou a partir para a Asia, despachado em recompensa dos seus serviços. Em Goa, no repouso da vida domestica, Diogo de Couto novamente se entregou ao estudo; e a fama do seu saber, espalhando-se pela India, soou em Portugal. Tempos

tinham decorrido; e a perda de D. Sebastião em Africa collocára no throno portuguez Philippe 2.º Este principe nomeou Couto chronista-mór do Estado da India, para que continuasse o que até então se tinha publicado das Decadas de João de Barros, isto é, as tres primeiras. Começou Diogo de Couto por escrever a historia dos successos da India desde o principio do reinado de Philippe, que assim lh'o ordenara; mas foi justamente esta parte daquella historia que só no fim do seculo passado se imprimiu. Depois de escrever esta decada, que é a decima, Couto escreveu a quarta, quinta, sexta, e septima, que se publicaram em sua vida. A oitava, que é propriamente um só livro, appareceu, em 1673 tendo-se estampado em Paris no anno de 1645 metade da duodecima. Um fragmento da nona foi dado á luz com as já mencionadas em 1736. Na edição de Barros e Couto publicada em volumes de 8.º no fim do seculo passado, appareceu, como dissemos, a decima decada, e uma breve relação dos successos que se deviam conter na undecima, a qual inteiramente se perdeu.

Nas decadas o estilo de Diogo de Couto é claro e corrente. Não tem, na verdade, aquelles arrosos de genio que se encontram nas decadas de Barros, mas é por ventura mais igual do que o delle. Quanto á disposição da historia, averiguação dos acontecimentos, descripção dos costumes e dos logares, leva Couto conhecida vantagem a Barros, cujos erros ás vezes emendou. A epocha historiada por Couto abraça o longo periodo que começa com o governo de Lopo Vaz de Sampaio, e acaba com o vice-reinado de D. Francisco da Gama, isto é, o decurso do peito de oitenta annos, em que a nossa gloria na India subiu á sua maior altura, de que já nos ultimos dias de Diogo de Couto tinha decaído.

Esta decadencia do Estado da India moveu Couto a escrever um tractado sobre o modo de reger e conservar aquelles dominios; o qual intitolou *Soldado pratico*, e onde apontou as causas da decadencia dos portuguezes na Asia. Este livro conservou-se manuscripto por dois seculos, e só foi tirado á luz em nossos dias pela Academia das Sciencias.

As mais obras de Diogo de Couto, que possuímos impressas, são, a Vida de D. Paulo de Lima, capitão-mór da India, a Relação do naufragio da náu S. Thomé (que se encontra no tomo 2.º da Historia Tragico-Maritima), e uma Oração recitada em Goa a André Furtado de Mendonça, a qual de certo não é um modelo de eloquencia.

Muitas outras obras manuscriptas dizem deixára este celebre historiador; mas ou o tempo as consumiu, ou estão sepultadas em parte onde a ninguem são uteis.

Couto não voltou mais á Europa depois que se estabeleceu em Goa, e alli morreu da idade de 74 annos, em 1616.

HYGIENA PUBLICA.

CONSERVAÇÃO DOS DENTES — PRECAUÇÕES RELATIVAS AOS MENINOS.

DESDE o momento em que nasce o menino releva cuidar nos meios de atalhar os incommodos da dentição, empregando desde logo certas precauções para facilitar a saída dos dentes.

Estas precauções são de duas especies, as primeiras consistem em afastar tudo quanto tender a apertar, irritar, ou alterar as gengivas; as ultimas reduzem-se a dispô-las para a facil saída dos dentes.

Juntam-se nas cabeças dos meninos muitos humores, que se corressem para a boca, afrouxariam muito o tecido das gengivas, e com sua acrimonia as irritariam as

(1) Veja-se ácerca da electricidade o N.º 12 do Panorama.

mais das vezes ou disporiam para a irritação. Cumpre pois haver toda a vigilância em desviar esses humores da boca, fazendo-os sair por via da transpiração, escovando para esse fim as cabeças dos meninos, duas vezes ao dia, e a horas certas, com uma escova macia, e cobrindo-as bem depois com pannos passados pelo lume.

A escova conserva limpa a cabeça, abre os poros da pelle, e prepara-os para darem livre passagem ao suor. São mui evidentes os beneficios desta evacuação, a qual levando consigo para fóra as serosidades accumuladas na cabeça do menino, faz com que não acuda á boca tamanha porção de humores.

O methodo proposto de trazer os meninos com as cabeças descobertas, e expostas ao ar, é sujeito a graves inconvenientes; porque as impressões do ar externo tapam os poros, e estorvam a transpiração, augmentando assim a quantidade de humores que se encaminham para a boca, com aquelles que não podem sair por falta de suor. Eis a causa de ser sempre mais trabalhosa e demorada a primeira dentição dos meninos criados desta maneira, analogá á madeira de ver e de pensar dos phylosophos systematicos, porém contraria a todas as leis da arte, da razão, e da humanidade.

A boca, lingua, e paladar dos meninos estão ordinariamente cobertos de uma carepa esbranquiçada, e algumas vezes amarellada, mais ou menos grossa e apegada, a qual, conservando-se alli, produz dois inconvenientes, já porque impedindo a transpiração retém nos vasos daquelles orgãos uma porção de serosidade que os sobrecarrega, e que se não encontrasse semelhante embaraço sairia com o suor, já porque tornando o curso dos liquidos nos mesmos vasos mais difficil e vagaroso, contribue para enfarta-los. Esta carepa póde ao mesmo tempo fazer-se acre a ponto de causar infallivel irritação de gengivas.

Deve por tanto não haver descuido em limpar a miudo a boca dos meninos, porém ao de leve e com delicadeza, por não rasgar ou offender membranas tão finas; o que se fará esfregando, sem carregar, com um dedo molhado em mel rosado, o ceo da boca, a parte superior e inferior da lingua, e as gengivas, até sair a carepa; e se esta estiver muito apegada, póde-se embrulhar o dedo n'um pedaço de panno de linho finissimo, ou usar de uma raiz de althea (malvaisco), ou de alcaçuz, convenientemente preparadas, molhando-se em todo o caso, assim o dedo como as raizes, no mel, ou em simples agua melada, que é ainda melhor.

Exige novos cuidados a preparação particular das gengivas, as quaes por sua rizeza, grossura, e tensão obstem frequentemente á saída dos dentes, d'onde resulta a necessidade de fazer as possiveis diligencias para amollece-las, relaxa-las, e até adelgaça-las. Quando ellas se acham neste estado, convém fazer uso dos emollientes; taes são, por exemplo, o mel de Narbonna, o unto sem sal, a manteiga fresca, os miolos de lebre, a enxundia de gallo, e o oleo de amendoas doces, que servem para esfregar levemente as gengivas, ou para ensopar tirinhas de panno, que se lhes poem em cima. Tambem se empregam raizes de althea ou de alcaçuz, cortadas de proposito para esse uso, e molhadas em oleo de amendoas doces, ou em xarope de violas, de avenca, ou de althea; e finalmente faz o mesmo effeito um cozimento de figos graúdos, passas de Alicante, cevada, ou althea.

Uma precaução especial póde todavia prevenir os máus effeitos dos emollientes de que adiante se faz menção. Aqueça-se um dedo, esfreguem-se com elle as gengivas do menino, e repita-se a fricção o maior numero de vezes que fôr possivel. Esta operação ainda que simples, mantem, e até póde restabelecer a força das fibras, enrija-las, e faze-las quebradiças, sem

que se limite a isto a sua utilidade, por que produzindo uma compressão nas gengivas, adelgaça-as e facilita o seu rompimento, apertando-as ao mesmo tempo contra o gume do dente.

As roquinhãs ou figas, que se dão ás creanças para metterem na boca, tambem adelgaçam as gengivas, apertando-as contra o gume dos dentes, e bom é dar-lh'as cedo, mas deve-se fugir do uso das de ouro, prata, e outros metaes, e mesmo de vidro, por que sendo muito duras comprimem as gengivas com demasiada força e desigualdade, e as enfartam inflammam, e magoam algumas vezes. Ha uns brinquinhos feitos de tiras de couro de vacca da Russia, mais uteis e proprios para este fim, por serem mais macios, e terem uma superficie larga e chata, que comprime as gengivas por igual.

Assim que apparecerem os signaes annunciadores da vinda dos dentes, far-se-ha dos emollientes acima indicados um uso regular e continuado.

Proporei agora as fumigações de boca como um remedio que vi ser muito bem succedido: enche-se um vaso de agua quasi a ferver, e cobre-se exactamente com a parte larga d'um funil de papelão, cujo bico se introduz na boca do menino, ao qual se faz chupar o vapor da agua quente; repete-se isto tão amiudadas vezes quanto fôr possivel, sem com tudo deixar durar muito tempo cada fumigação, para não suffocar o doente.

O vapor distribue com igualdade por toda a boca um calor moderado e humido, que applicando-se immediatamente ás partes doridas; obra com muito mais promptidão e efficacia que os outros emollientes. Este tractamento ainda ninguem o propoz, e eu convido as mãis de familia a emprega-lo, affiançando-lhes desde já o bom resultado.

Á medida que crescem os padecimentos, faz-se uso interno de medicamentos calmantes, temperantes, absorventes, e até narcoticos, e em alguns casos da sangria, combinando-se estes remedios e proporcionando-se as suas dózes e gráu de força á intensidade dos symptomas; porém recorrendo-se sempre nestas occasiões aos facultativos, os quaes costumam guiar-se por circumstancias a que só elles sabem dar o devido valor.

Devo confessar que estes socorros são mui fracos, e ás vezes insufficientes, pois não podem destruir a causa da doença, mas nem por isso os julguem inúteis, visto que moderam muitas vezes os symptomas, mitigam as inquietações e as dores dos enfermos, e os fazem socegar, e dormir por algum tempo. Em quanto dura o descanso que elles conciliam, ganha-se tempo, e a natureza jámais ociosa aproveita-o, e adianta o trabalho da erupção. Vem ainda outra reflexão em apoio disto: o primeiro periodo da irritação dos nervos é o mais terrivel; passado este termo parece que os nervos ficam adormentados e perdem parte da sua sensibilidade; logo tira-se dos remedios outro proveito, porque diminuem a gravidade das dores, e o perigo do primeiro momento.

Convém tambem evitar que a muito frequente ou demorada applicação dos emollientes relaxe de mais as gengivas, e as amolleça, e faça tão sujeitas a distensões que só por effeito dellas cedam á acção dos dentes, sem se dividirem, e romperem, o que tornaria a saída dos dentes muito mais difficil e tardia, e as dores mais aturadas. Prevenir-se-ha este inconveniente examinando muitas vezes a boca: em quanto as gengivas estiverem inchadas por igual pouco ha que recear do uso dos emollientes, mas se apparecerem em certos logares algumas desigualdades muito visiveis, isto é, elevações que pela sua configuração mostrem ser effeito de dentes que vem apontando, sobreestarse-ha no uso dos dictos medicamentos. Não houve até

agora quem fizesse esta reflexão, a qual todavia é exacta, e por isso me apresso a publica-la.

O çumo do limão é o melhor de todos os remedios para combater o máu resultado da applicação dos emollientes, porque sendo levemente adstringente endurece as gengivas, fortalece-as, e facilita o seu rompimento. applica-se ás partes mais altas por onde se presume que os dentes querem furar, com a ponta do dedo ou um bocado de algodão ensopado no çumo, ou com um panninho nelle molhado, que se expreme, e se póde deixar ficar, sobre a gengiva.

Erupção dos molares ou queixaes.

Passados dois, tres, ou quatro annos é necessario empregar novos cuidãdos não só quando começam a sair os queixaes, mas tambem quando a sua erupção se prepara. Podem seguir-se então os mesmos preceitos que dei relativamente ao amollecimento e relaxação das gengivas na primeira dentição.

Cuidados que deve haver desde a primeira até a segunda dentição.

Os cuidados que exigem os primeiros dentes, assim que apparecem, devem ser continuados sem interrupção até o momento da queda desses mesmos dentes, que precede a segunda dentição.

Necessidade de limpar os dentes da primeira dentição.

Os pretextos de que teem de cair, e de ser substituidos por outros, que devem durar por toda a vida, os dentes da primeira dentição, faz crer commumente que elles não merecem nem exigem cuidado algum; e por conseguinte julga-se coisa indifferente que estejam bem ou mal conservados, são ou arruinados, com tanto que os que se lhes seguirem conservem sem alteração a sua boa qualidade. Conveniente me parece extirpar este erro, que muito se ha propagado, e que sacrifica muitas victimas, á prevenção e negligencia das pessoas a quem compete velar na conservação dos dentes dos meninos.

Os dentes de leite ou da primeira dentição estão expostos a carie, como os que lhes succedem, e um tal vicio causa quasi sempre um prejuizo essencial e irreparavel aos ultimos, e especialmente aos queixaes.

1.º Os dentes de leite cariados estão muito menos seguros ás gengivas que os dentes são, e quasi que não oppoem resistencia alguma aos da segunda dentição, quando principiam a sair; estes, não achando obstaculo á saída, furam com demasiada promptidão, e não tendo tempo de chegar ao estado de perfeição de que carecem, ficam sendo fracos, sujeitos a estalar, e mais expostos ás constipações, e por conseguinte a serem alterados ou a apodrecerem.

2.º Se estes mesmos dentes estão cariados quebram facilmente, e os novos dentes lançam para fóra parte dos seus fragmentos; porém como se conservem algumas pequenas lascas dentro do proprio alveolo, ou entre os dentes visinhos, sobrevem muitas vezes dores mais ou menos agudas, e irremediaveis, por se lhes desconhecer a causa, pois os dentes parecem estar inteiramente são, entretanto que as ditas lascas vão communicando o mesmo estrago aos alveolos, e aos dentes, que muitas vezes não devem a carie que os destroe senão aos restos dos dentes de leite cariados.

3.º Mais graves são ainda as consequencias do mal se provém da carie de um molar de leite, por que os fragmentos destes introduzem-se algumas vezes, tanto por um como por outro lado, entre os dentes no-

vos, e por entre os dois mais proximos, pondo assim ao mesmo tempo tres dentes em perigo de apodrecerem.

É preciso em primeiro logar evitar tudo quanto póde constipar os dentes; como, por exemplo, a alterativa do calor e do frio.

As bebidas frias produzem este effeito quando se guem as comidas quentes, ou se usam entremeiadas com estas, como nos jantares.

Pede a prudencia, principalmente no inverno, que se faça amornar a agua, que se dá a beber aos meninos, sem aquece-la muito, para lhes não relaxar o estomago: basta tirar-lhe a maior frialdade.

A conservação dos alimentos entre os dentes, e sobre as gengivas, assim como a formação, e accumulção do sarro ou pedra, são objectos que reclamam a mais seria attenção da parte das mãis de familias, as quaes devem ter o maior cuidado em remover aquellas causas da ruina dos dentes, para o que basta seguir as poucas regras, que passo a dar.

Consiste a primeira em empregar toda a vigilancia para que os meninos nunca levem aos dentes agulhas, pontas de facas, ou tesouras, e outros corpos duros; devendo além disso tomar sobre si o esgaravatar-lhes todos os dentes depois das comidas, com um palito de penna muito brando e macio, e depois limpá-los com um panno fino molhado n'uma pouca de agua tepida, esfregando-os levemente. Podem habituar-se os meninos desde muito pequenos a fazerem esta operação a si mesmos, e eu vi alguns, que na idade de tres ou quatro annos, a executavam optimamente, contrahindo assim um habito, que conservam toda a sua vida, e que lhes vem a ser utilissimo para o futuro.

Tambem é bom esgaravatar todos os dois ou tres dias os dentes dos meninos com a ponta grossa do mesmo palito de penna, para tirar o sarro que se lhes pega, e que não cede á fricção do panno molhado; mas isto deve fazer-se como tenho recommendado, de modo que não offenda as gengivas: limpam-se depois os dentes n'um panno, e por fim faz-se tomar aos meninos um bochecho de agua morna, temperada com algumas gotas d'um liquido aromatico.

O que deve praticar-se quando os dentes de leite estão cariados.

São muitas vezes inuteis todas as precauções, e os mais attentos cuidados não podem em certos casos preservar da carie os dentes de leite; um vicio interno, o vicio dos fluidos, obra com tal força que impede o effeito dos cuidados externos. Neste caso, não haja hesitação em mandar arrancar os dentes cariados, principalmente quando a carie tiver feito consideraveis progressos no corpo do dente; porém, seja qual fôr o estado em que este se achar, fuja-se de deixar approssimar a segunda dentição.

Os pais hesitam muitas vezes em permittir esta operação, por que temem expôr os meninos a soffrer dores, de que a ternura paternal engrossa a seus olhos a violencia: porém mal fundados são estes receios, por quanto os dentes dos meninos estão pouco cravados nos queixos, e os mesmos alveolos são fracos, pouco apertados, e faceis de abrir, e por conseguinte quasi que não resistem á operação, que é promptissima, facillima, e mais assustadora do que dolorosa. (*Botot.*)

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Direita do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA IMPRENSA NACIONAL.